

À DERIVA¹: INFÂNCIA, ESCRITA E PESQUISA

DENISE MARCOS BUSSOLETTI

Possui doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007), com estágio no Instituto de Estudos da Criança (IEC) da Universidade do Minho, Braga - Portugal. Coursou o mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997) e Graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas (1987). Atualmente é professora da Universidade Federal de Pelotas. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, com ênfase em Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: infância, representações sociais e identidade social.



MAGRITTE,
René. *Espelho Falso*, 1935.

Resumo: Este artigo discute a escrita da pesquisa da infância, considerando esta como um exercício de alteridade. Assume a tese de que a poética é um dos pilares das gramáticas das culturas das infâncias, explorando a hipótese proposta por Sarmiento (2004) sobre as afinidades que existem entre os princípios lógicos das culturas da infância e a linguagem poética. Por entre metáforas, busca ainda em Walter Benjamin inspiração para questionar não só o estilo e a escrita de pesquisa da infância, mas para inscrever esta discussão num movimento que é característico da reflexão da modernidade.

Palavras chaves: escrita de pesquisa; infância; poética; alteridade.

¹ Este artigo resulta de parte do meu trabalho de tese de doutorado, como capítulo integral foi publicado em: (BUSSOLETTI, D. M. MEIRA. M. 2010).



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

ADRIFT: CHILDHOOD WRITTEN AND RESEARCH

Abstract: This article discusses the written of the research of childhood, considering this as an exercise in otherness. Takes the thesis that poetry is one of the pillars of the grammars of the cultures of childhood, exploring the hypothesis proposed by Sarmiento(2004) on the affinities that exist between the logical principles of the cultures of childhood and poetic language. Among metaphors also seeks inspiration in Walter Benjamin to question not only the style and written research in childhood, but to put this discussion in a movement that is characteristic of the reflection of modernity.
Key Words: written of the research, childhood, poetry; otherness.

Espelhos Falsos?

René Magritte, o autor da tela acima, auto proclamava-se um pintor de idéias, um artista que acreditava fazer uso da pintura para tornar os pensamentos visíveis. Acreditava, também, que o melhor título para os seus quadros era um título poético, e intitulou a pintura referida de “espelho falso”. Neste artigo transitarei por entre palavras e imagens (espelhos falsos?), ou melhor, pelos caminhos que envolvem a problematização da escrita de pesquisa² da infância, aqui abrangendo as relações implícitas no: através, com e pela infância.

Assumo como pressuposto o fato de que um dos maiores desafios na escrita de pesquisa da infância é considerar esta como um exercício de alteridade (AMORIM, 2001). Como um espaço de interlocução que se estabelece entre o outro e o pesquisador na busca da ressonância criadora de sentidos. Partilho também a convicção de que para que a escrita

²Acato a formulação utilizada por Marília Amorim onde a “escrita de pesquisa” é concebida como uma prática através da qual a escrita e o conhecimento acontecem no diálogo vivido em campo e na relação com o outro do pesquisador. Nesta dinâmica busca incorporar novas vozes e transformar os sentidos (AMORIM, 2001).



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

de pesquisa da infância possibilite encontrar algo novo, é necessário transitar pela dissolução das nossas certezas de mundo (LARROSA, 2000). Pela infância, através dos espelhos falsos das linhas que se seguem, alerto que o texto que virá a seguir foi tramado acatando a poesia como subversão da linguagem. Tendo como tese³ que a poética é um dos pilares das gramáticas das culturas da infância, utilizo, como fio poético-narrativo, a poesia de um dos maiores poetas da língua portuguesa, Herberto Helder⁴ através de seu “Poema Contínuo”⁵. Incursão, que desde o começo, até a sua última possível linha não mais será anunciada, ou citada, conforme as regras e normas técnicas convencionais ao texto acadêmico. Resta dizer que, para tanto, só deslocarei e inclinarei a citação poética resguardando a esta o espaço da margem direita do texto, apresentada daqui, e em diante, assim:

*Não se pode acreditar na beleza concentrada
da gramática.*
(HELDER, 2004, p. 338)

Não se trata, como Goethe pretendia de “poetizar a ciência”; busco um movimento de escrita que permita acesso ao lado “sensível da verdade”. Considerando e sendo fiel

³ Desenvolvo esta abordagem da escrita de pesquisa da infância em minha tese de doutorado (BUSSOLETTI, D.M., 2007).

⁴ HELDER, H. *Ou o Poema Contínuo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p.465.

⁵ O “Poema Contínuo” é uma “súmula poética” feita pelo autor de seus poemas e livros, escritos e reescritos em seus 40 anos de trajetória literária. Utilizo o “Ou o Poema Contínuo” por um critério de escolha que implica na compreensão da importância desta obra no universo Herbertiano, onde a súmula da criação poética feita pelo autor possibilita mostrar o processo de criação como renovação e emenda, onde o poeta pelo fio e pelo entrelaçamento das palavras dá forma e traduz o esforço de “estar vivo” ou “redivivo” como ele mesmo diz-se no único poema inédito desta edição.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

ainda a leitura benjaminiana, na qual a citação é um traço fundamental da arquitetura da escrita, a citação poética, aqui, assume essa diferenciação - pulsação, por e entre as linhas.

Tendo essas ressalvas iniciais em perspectiva, cabe ainda reafirmar que o que buscarei neste texto, como na linha de pesquisa desenvolvida, é o encontro de uma outra apropriação da representação da relação da escrita da infância, num movimento que pensando o sentido das palavras aproxima-o da poesia, lugar de subversão da escrita. Sustento a tese de que a poética é um dos pilares de sustentação das gramáticas das culturas da infância explorando a hipótese formulada por Sarmiento (2004) sobre as afinidades que existem entre os princípios lógicos alterados das culturas da infância e a linguagem poética (imagem e palavra imagética).

*Porque a infância é uma visão terrífica, hipnótica.
Um transe, os olhos que se tornam secretos, o extremo lunar da casa
- pedra queimada no centro
da terra.
(HELDER, 2004, p. 324).*

Aprendendo a Ver

*Esta ciência selvagem de investigar a força
por dentro dos olhos:
a treva parada numa parte: do outro lado faiscando
todos os astros:
(Helder, 2004:339)⁶.*

Rilke escreveu um dia: “estou aprendendo a ver. Não sei o que provoca isso, tudo penetra mais fundo em mim, e não pára no lugar em que costumava terminar antes. Talvez



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

um interior que ignorava. Agora, tudo vai dar aí. E não sei o que aí acontece” (RILKE, 1996, p.8). A lição da visualidade pelo poeta, e a necessidade de aprender a ver para encontrar a direção escrita da infância pretendida. Aprendendo a ver, assim, é a tarefa que se estampa de imediato.

É dado que cabe ao pesquisador buscar o olhar. Olhar, numa dada perspectiva implica num duplo movimento que saindo de si, traz o mundo para dentro, a visão depende do sujeito e se origina nele, é a visão quem expõem o interior para o exterior, o olhar é assim “a janela da alma”. É essa concepção que embasa os renomados “testes projetivos” em Psicologia (sem querer entrar no mérito ou na crítica), onde o que se projeta e se interpreta é essa janela, esse interior, esse dentro. Crença embasada na retórica do século XVII, quando o estudo das paixões, analisava o “ar da fisionomia” e os olhos eram lugar onde a alma poderia ser percebida (CHAUI, 1988). Porém, numa outra perspectiva, a visão se origina lá nas coisas, delas dependem, nascendo do “teatro do mundo”, onde “as janelas da alma” são também espelhos desse mundo. Se desde a Renascença pintava-se nos olhos uma pequena janela, também se dava ao espelho, fora ou dentro do quadro, um lugar privilegiado: era com ele que se avaliava a pintura genuína do modelo, era por ele que se configurava o longínquo como paisagem, era nele que o pintado via-se na própria tela, repetido, re-presentado.

⁶ HELDER. H. *Ou O Poema Contínuo*. Lisboa. Assírio & Alvim, 2004. p.339.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Janela e espelho: os pintores costumam dizer que, ao olhar, sentem-se vistos pelas coisas e que ver é experiência mágica. A magia está em que o olhar abriga, espontaneamente e sem qualquer dificuldade, a crença em sua atividade – a visão depende de nós, nascendo em nossos olhos – e em sua passividade - a visão depende das coisas e nasce lá fora, no grande teatro do mundo (CHAUÍ, 1988).

Por estas breves considerações, afirmo e atualizo a necessidade primeira de um fazer científico específico: urge aprender a ver. É traço comum na retórica acadêmica sobre a infância o desejo e a aspiração a um “novo olhar” sobre esta e em consequência disso sobre sua escrita. Oportuno parece ser retomo a perguntar: por entre quais espaços a escrita da infância poderá se verificar como uma renovada e/ou desviante perspectiva? O que virá a seguir resulta de um determinado aprendizado do olhar, e como tal não abdica da singularidade característica de sua procura.

Flanando Sobre a Escrita de Pesquisa da Infância: uma escrita à deriva

Para incursionar pela escrita de pesquisa da infância á deriva, talvez seja necessário, estabelecer alguns de seus pressupostos. Através de Löwy(2002), retomamos Max Weber, e circunscrevendo este estado de “à deriva”, na crítica a racionalidade instrumental, “ação-racional-em-finalidade” (*Zweckrationalität*) e na ruptura com os princípios da modernidade



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

capitalista. De uma forma lúdica e irreverente, esse “à deriva” rompe com os princípios mais sacrossantos da modernidade capitalista, com as leis de ferro do utilitarismo e com as regras onipresentes da *Zweckrationalität*. Ela pode tornar-se, graças às virtudes mágicas de tal ato de ruptura, um passeio encantado no reino da liberdade, tendo o acaso como única bússola (LÖWY, 2002, p.11).

Pela escrita da infância, podemos também reencontrar a perspectiva do *flâneur* explorada por Benjamin, através de Baudelaire, “um lírico no auge do capitalismo”. Foi através do poeta que Benjamin descobriu os passos lentos do *flâneur*, o jeito *flâneur*, de fazer sua lírica “botânica no asfalto”. A ebreidade pela qual o *flâneur* abandona-se à multidão, a empatia do poeta, sem objetivo e sem razão, marcos possíveis da compreensão do significado desse à deriva – a experiência da liberdade, revelando a face oculta da realidade.

Flanando, à deriva, por entre sentidos e provocações, eis que surge a “criança desordeira”, benjaminiana. Atentar para o seu olhar, seus passos, suas construções, seu movimento, parece também revelador.

CRIANÇA DESORDEIRA. Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que ela possui, em geral, constitui para ela uma coleção única. Nela essa paixão mostra sua verdadeira face, o rigoroso olha índio, que, nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, só continuam a arder turvado e maníaco. Mal entra na ida, ela é caçador. Caça os espíritos cujo rastro fareja as coisas; entre espíritos e coisas ela gasta anos, nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos. Para ela tudo se passa como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela-a. Seus anos de nômade são horas na floresta do sonho. De lá ela arrasta a presa para a casa, para limpá-la, fixá-la, desenfeitiçá-la. Suas gavetas têm de tornar-se casa de armas e zoológico, museu criminal e cripta. “Arrumar” significaria aniquilar uma construção cheia de castanhas e espinhos que são maçãs medievais, papéis de estanho, que são um tesouro de prata, cubos de madeira que são ataúdes, cactos que são totens e tostões de cobre que são escudos. No armário de roupas de casa da mãe, na biblioteca do pai, ali a criança já ajuda há muito tempo, quando no próprio distrito ainda é sempre anfitrião inconstante, aguerrido (BENJAMIN, 2000, p.39).

A criança desordeira instiga a pesquisa e a escrita da infância a um experimentar “antitradicionalista”, não no sentido de negar a tradição no sentido histórico, nem muito menos, no sentido de apreensão irracional do real (não se trata de apologia ao irracional). Desordenar modelos implica aqui, por um lado numa recusa explícita dos grandes “sistemas” enquanto pretensões de totalidades e de totalização de pensamentos e por outro na compreensão da centralidade do papel da linguagem não cindida do olhar.

Descortinando a Casa Absoluta

*Era uma casa absoluta – como
darei? – um
sentimento onde algumas pessoas morreriam.
Demência para sorrir elevadamente.
(HELDER, 2004, p.111-112)*

Descontinuar a casa absoluta, em metafórica e poética perspectiva, pretende não ser só, e mais uma vez repetindo, uma questão de estilo e de escrita em pesquisa, inscreve-se num movimento que é característico da reflexão da modernidade. Fio benjaminiano pelos labirínticos caminhos da pesquisa, onde “a questão do estilo e da escrita não é, portanto,



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

nenhuma questão secundária, superficial ou gratuita, nenhuma ‘perfumaria’: ela nasce dessa reflexão sobre a linguagem como fator constitutivo e incontornável do pensamento “(GAGNEBIN, 1999, p.86).

Uma escrita da infância que se ergue pela diferença ao “princípio constrangedor” cartesiano que afirma: “isto é verdadeiro”, como é verdade que a soma dos ângulos internos de um triângulo é igual a dois ângulos retos. A experiência labiríntica que a escrita de pesquisa da infância convida é algo como uma “relação” do sujeito num outro tempo e espaço, lugar onde o risco é o que permite a “escolha” e devolve a liberdade. Tendo o desvio, como método, assim Benjamin, traduz e conduz ao sentido desse itinerário labiríntico: “Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta requer instrução. (BENJAMIN, 2000, p.73). Descortinando a casa absoluta, à deriva, segue assim a edificação de uma proposta de escrita de infância, desordenadamente aproximando os sonhos de tantos dos limites de nossas mãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Editora Musa, 2001.
 BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Obras Escolhidas; VIII. São Paulo: Brasiliense, 1989.
 BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. Obras escolhidas. VII. São Paulo: Brasiliense, 2000.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

- BUCK-MORSS, S. **Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Chapecó: Editora Universitária Argos, 2002.
- BUSSOLETTI, D. (2007). *Infâncias monotônicas - uma rapsódia da Esperança - Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita da pesquisa*. **Tese de Doutorado**. Porto Alegre, - RS., 2007.
- BUSSOLETTI, D. *Infâncias: paisagens perigosas*. In: BUSSOLETTI, D. MEIRA, M.(orgs). **Infâncias em Passagens**. Pelotas: Editora Universitária, 2010.
- CHAUÍ, M. *Janela da Alma, espelho do Mundo*. In: Novaes, A. [et al]. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GAGNEBIN, J. M. *Da Escrita filosófica em Walter Benjamin*. In: SILVA, M. **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: FAPESP: Anablume, 1999.
- HELDER, H. **Ou o poema contínuo**. Lisboa. Assírio & Alvim, 2004.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica: 2000.
- LÖWY, M. **A estrela da manhã: surrealismo e marxismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- RILKE, R. **Os cadernos de Malte Laurids Brigge**. São Paulo: Mandarim, 1996.
- SARMENTO, M. CERISARA, A. (Orgs). **Crianças e Miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Edições ASA, 2004.

Recebido: 10/03/2011

Aceito: 30/03/2011



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br